ATUALIDADE DA ÉTICA

Francisco Javier Herrero
Leonardo Alves Vieira
Luciana Pereira Pimenta
Acylene M. C. Ferreira
Edgard J. Jorge Filho
Edgar Marques
Hygina Bruzzi de Melo

SÍNTESE
Revista de Filosofia

SÍNTESE - REVISTA DE FILOSOFIA — ISSN 0103-4332

Fundador: Fernando B. de Ávila

Co-Editores: Henrique C. de Lima Vaz — Danilo Mondoni

Conselho Editorial: Danilo Mondoni, Henrique C. de Lima Vaz, Francisco Javier Herrero, João A. A. A. Mac Dowell, Johan Konings, José Paulo Giovanetti, Marcelo F. de Aquino, Maria Eugênia Dias de Oliveira, Marilene R. de Mello Brunelli, Werner Spaniol

Conselho Científico: Carlos R. Cirne Lima (PUC-RS), Hugo P. do Amaral (UFMG), Manfredo A. de Oliveira (UFCE), Octávio G. C. A. Velho (Museu Nacional/UFRJ), Paulo E. Arantes (USP), Paulo Meneses (UNICAP), Pedro M. Guimarães Ferreira (PUC-Rio), Raul Landim Filho (UFRJ), Vamireh Chacon (UnB).

Auxiliares de Redação: Airton Santos Gonzaga, Ednaldo Rodrigues Viana, Elton Vitoriano Ribeiro, Luiz Harding Chang, Osvail Lazarim Dias, Roberto Mesquita Ribeiro, Sandro dos Santos Gomes.

Os artigos de SÍNTESE - Revista de Filosofia são catalogados em *Sumários Correntes Brasileiros,* Série Ciências Sociais e Humanas, publicado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Brasília (DF), e indexados na *International Philosophical Bibliography — Répertoire Bibliographique de la Philosophie,* Institut Supérieur de Philosophie, Louvain-la Neuve, e na *International Bibliography of Periodical Litterature* (IBZ), Zeller Verlag, Osnabrück. A Síntese - Rev. de Filosofia está incluída no *DARE Databank* do Social and Human Sciences Documentation Centre da UNESCO.

Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores. Transcrições e citações são permitidas desde que mencionada a fonte. Colaborações não-solicitadas não serão devolvidas.

Aceitamos livros para recensões ou notas bibliográficas, reservando-nos a decisão de sua publicação.

Aceitamos permuta com revistas congêneres.

Administração e correspondência
Síntese - Rev. de Filosofia
Caixa Postal 5024 — Venda Nova
Belo Horizonte — MG — CEP: 31611-970
e-mail: isirev@africanet.com.br

Sede
Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127
Bairro Planalto
Belo Horizonte — MG — CEP 31720-300
Tel.: (031) 499-1610 — Fax: (031) 499-1611

Preços: Assinatura nacional: R$ 30
Assinatura exterior: US$ 40 (via aérea)

Formas de Pagamento: Cheque nominal à Síntese - Rev. de Filosofia
Depósito bancario: Banco Itaú S/A Agência 0689
C/C 37.887-5, enviando cópia do depósito para contabilização

Tiragem deste número: 1.600 exemplares

Impressão: Edições Loyola
Rua 1822, n. 347
São Paulo — SP — CEP: 04216-000

REVISTA FINANCIADA COM RECURSOS DO

Programa de Apoio a Publicações Científicas

MCT CNPq FINEP

SÍNTESE - REV. DE FILOSOFIA
V. 26 N. 84 (1999): 65-85

LINGUAGEM ORIGINÁRIA E PENSAMENTO

Acylene Maria Cabral Ferreira
Universidade Veiga de Almeida — RJ

Resumo: **Este trabalho discute a relação de proximidade entre pensamento e linguagem. Nesta relação de intimidade entre eles participa, por um lado, o não-pensado inerente ao pensamento e o não-dito presente em todo dizer. As formas negativas de um e outro, que, na verdade, são positividades, encontram-se no fundamento da linguagem enquanto originária, isto é, como criação e reveladora da realidade do homem e do mundo.**
Palavras-chave: **Linguagem, Pensamento, Não-dito, Não-pensado, Produzir.**

Abstract: **The purpose of this work is to address the proximity between thought and language. This intimate rapport among them is shared, on the one hand, by the no-thought inherent to thought and, on the other hand, by the no-said inherent to all speech. The negative forms of one and the other are at the very roots of language as an origin, that is, as creation and instrument of revelation of the reality of humans and the world.**
Key words: **Language, Thought, No-said, No-thought, Production.**

Introdução

Parece que "estamos colocados numa necessidade de pensar"[1]. É possível dizer que, praticamente, em todas as atividades huma nas encontra-se presente e atrelado a elas o pensamento. Pensamento, aqui, não significa apenas a atividade reflexiva, o raciocínio, mas o pensar de modo geral: o pensamento da sensação, do amor, do carinho, da infelicidade, do ódio, da beleza, da paixão etc. É plausível afirmar que o pensamento está em tudo isso, porque, mesmo quando o homem está diante de seus sentimentos mais profundos, ele não tem como deixar de pensar. No momento em que surge, para o homem, uma forma qualquer de sentimento, logo em seguida aparece um pensamento, que diz respeito ao próprio sentimento, ou ainda, simplesmente, tem-se um pensamento que constata o sentimento. Do mesmo modo que o homem é sentimento, ele também é pensamento. Nesse sentido, pode-se corroborar que o pensamento perpassa todas as ações do homem e que, no fundo, o homem é pensamento e, portanto, linguagem, já que todo pensamento está fundamentado sobre uma forma de linguagem, seja ela passível de expressão, ou não. Onde há pensamento, há linguagem, onde há sentimento, há linguagem, há pensamento. O pensamento que se está querendo esclarecer, aqui, que está na base de todas as ações do homem, seja em seus momentos de reflexão ou de sentimento, pode ser denominado de pensamento meditativo. Com a conotação de meditativo pretende-se marcar a diferença com o modo de pensar reflexivo, no qual a consciência está envolvida e onde as coisas podem ser definidas. O pensamento meditativo é o fundamento para o pensamento reflexivo, que está na base da filosofia e de toda ciência, assim como para o pensamento implícito no sentimento, que suscita, direciona e cria uma obra de arte, ou um outro modo qualquer de ação decorrente dos sentimentos. Por que o pensamento está sendo tratado como inerente ao homem, em todos os momentos de sua vida? Por que o pensamento, fundamento de todo agir do homem, está sendo nomeado de meditativo?

"Pensar significa: 'meditar o que esqueceu'"[2]. O que significa esta afirmação? Qual é o seu sentido? Por que ela foi citada aqui? O pensar medita sobre o que vem a partir do que foi. O pensar que medita é o pensar que recorda, que volta à origem e, por essa razão, pode ser visto como princípio. O pensar que medita é a memória. Para que

---

[1] MARTIN HEIDEGGER, *Die Metaphysik des deutschen Idealismus — zur erneuten Auslegung von Schelling: philosophische Untersuchungen über das Wesen der menschlichen Freiheit und die damit zusammenhängenden Gegenstände (1809).* Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1991, 3.

[2] IDEM, Die Sprache im Gedicht, in *Unterwegs zur Sprache*, Pfullingen: Günther Neske, 1965, 43.

o homem tenha condições de fundar o que permanece, de conquistar o que lhe pertence, é preciso que ele venha a morar no *sido* e que ouça o que vem no presente. Somente assim, o pensar pode ser o pensar que medita, que recorda e, por isso esquece. O pensar que medita, ouve o que vem. Essa característica do pensar é responsável pelo fundar da vida do homem sobre a terra. O pensar que recorda pode ser considerado meditativo, porque ele libera o homem de sua relação com as coisas objetivadas. Na interioridade de ser homem, na interioridade de ser mundo, a recordação traz o que há de mais íntimo e invisível para a edificação do homem e do mundo. O recordar traz para a meditação o que há de mais próprio para o homem e para o mundo. O recordar carrega em si o poder de reversão ao que é próprio de cada um. Assim, ele permite experienciar, o estranho porque apresenta a garantia e a possibilidade de recuperar o próprio. Pode-se dizer que a recordação proporciona a unidade da cisão do estranho e do próprio no mesmo.

> *A recordação autêntica é doação para o interior inexplorado do sido. O recordar autêntico é um pressentir. Talvez a recordação seja um pressentir mais originário do que aquele que é suposto apenas no que vem. A recordação seria o pressentimento mais profundo, quando o que está por vir vem a partir do sido sobre o pressentir que chega. ... Normalmente, só pressentimos o que vem. Aliás, também o sido se deixa pressentir. Solicitamos o sido como sido e assim como essencial apenas na recordação* [3].

A recordação autêntica, o pensar que cria e medita, não é um pensar que está preso ao passado e que se instaura a partir dele. O pensar que medita é o pressentimento do que vem no *sido*, do que ainda não foi pensado no *sido* e, por isso, pode vir no que ainda está por ser pensado. O recordar, que tem o *sido* como fundamento, tem por característica indicar e mostrar o caminho da localização do lugar em que o próprio se esconde. Recordar, como pensar que medita, é o modo do pensamento que tem a propriedade de ser fundamento de todo dizer do homem. O que há de inusitado no recordar, geralmente, vem do *sido* que continua atuando nele e que provoca o abandono do presente. O abandonar do presente atribuído ao *sido* no recordar, na verdade, é o contra-movimento do próprio presente. É o *sido* do recordar que movimenta o presente que se efetiva através do pensamento. O abandono do presente pelo recordar apresenta-se como o movimento do meditar. Ele é a alavanca que eleva todo pensar. É o fato de o *sido* abandonar o presente e continuar no que está por vir, no *sido*, que o presente pode mesmo acontecer. É neste contra-movimento e nesta movimentação que o pensamento medita, deixando decidir o que é ser homem e ser mundo.

---

[3] IDEM, *Hölderlins Hymne "Der Ister"*, Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1993, 34.

O meditar do pensamento humano não conserva o recordar, que se dá através do *sido*, como sendo um presente, que se prolonga como coisa definida e determinada, pronta e acabada. Ou ainda, o que é hoje atual não deve atribuir a sua atualidade somente aos fatos de agora, como se o que se sucedeu não tivesse a menor relação com o que acontece e com o que há de vir. A essência e o fundamento do recordar está em que ele não deixa ser destruído e apagado o regresso do *sido* no presente. Por este motivo, o homem pode experienciar, no seu presente, o apresentável como uma reserva para o meditar. O recordar está além do *sido* que aparece na lembrança e do presente que se faz saber; o recordar mantém-se no futuro, como o ainda não pensado. Quando se compreender o recordar desta maneira, poder-se-á compreender como o pensamento pode ser considerado meditar e daí apontar o real em sua realização. A partir do meditar tem-se condições de chegar ao pensamento, enquanto atualização do real, ou seja, como a essência do recordar. Como?

Para esclarecer como o meditar é a essência do recordar, como no fundamento do recordar está o pensamento, e como este na sua forma originária é meditar, faz-se necessário que se retome a consideração da linguagem como princípio, como origem. Para isso, deve-se tomar o *sido* como começo e fim do recordar. O meditar tem seu começo e seu fim no *sido*, pois o recordar tem início no que não foi realizado no *sido* e termina, quando o não realizado se efetiva e se torna novamente *sido*. Neste sentido, o começo já ultrapassou o fim. O começo, que tem essa característica, é o próprio princípio que se dá como origem. O princípio conserva, portanto, a essência original do tempo: a chegada do que já se mostra como *sido*. Este não é o passado, no sentido ordinário, mas é o passado extraordinário, que reúne o que se apresenta na realidade e extrapola toda realização do real, que se esconde novamente em seu princípio originário.

O passado originário distingue-se do futuro, esse que simplesmente está por acontecer, porque ele retorna ao *sido*, como não acontecido já acontecido. Mas, o não acontecido não é o futuro? O acontecer do não acontecido já acontecido pode ser considerado também como futuro, se o futuro for tomado como fim e começo do passado e este como começo e fim do futuro. Pois, é o que já foi que pode começar e finalizar uma ação e é o que será que também poderá começar e finalizar o que ainda não se iniciou e, assim, chegar à determinação de algo. Pode-se dizer que o passado, como *sido*, e o futuro como o que está plantado no que já de alguma forma se deu, e ainda como o inesperado que habita o desconhecido, constituem, no presente, que se dá a partir deste passado e deste futuro, a unidade do tempo originário.

O passado extraordinário, que participa do tempo originário, corresponde ao meditar que reflete, porque surge do futuro acontecido

e se direciona para o futuro, como devir. Esse movimento de realização do tempo originário concede ao meditar o pensamento que inaugura o desdobramento da linguagem. O tempo originário é o fundamento do dar-se da linguagem. Donde, poder-se afirmar que a linguagem corresponde ao tempo originário, e ainda que a linguagem originária é o solo onde o tempo originário e o dar-se das diversas formas de linguagem se situam. O tempo originário e, por isso mesmo, extraordinário, só pode ser experienciado, se o homem não temer percorrer a estranheza que o antecede, e que lhe é peculiar, para alcançar o que é, originariamente, familiar a ele.

O pensar como o próprio da linguagem originária

A linguagem enquanto originária é o solo onde o tempo originário se dá porque ela transpõe toda tentativa de encerramento e de restrição de sentido e de significação para as coisas e acontecimentos do mundo. O negar-se a se reter em significações e a orientação de ultrapassagem dos limites das significabilidades existentes, mostram o fundamento e a evidência do manifestar e do produzir da realidade. Pode-se dizer que, na verdade, há um combate entre a restrição e a criação de significabilidades. O combate que se dá entre o limite de significação que encerra a linguagem e a sua capacidade de ir além deste mesmo limite aponta para o próprio poder que a linguagem tem de gerar e provocar novas significações. A tentativa do limite de impor-se ao sem limite da linguagem administra e conserva o mundo em si mesmo; ou seja, como eterno desdobrar de realidades significativas. O fluir e o desenrolar desta disputa, onde ora predomina o limite de significação e ora vence o para além destas significações reconhecidas, cria a duração e a constância da linguagem, enquanto originária. O criar e o durar da linguagem exigem, em contrapartida, a necessidade do pensar. Os homens, como seres que pertencem a um meio lingüístico, já se encontram dentro da necessidade do pensar. A originalidade da linguagem é tanto mais evidente, quanto mais ela corresponde ao anseio de criação de sentido e de apropriação de significabilidades para o mundo.

A linguagem ainda pode ser dita originária, porque ela é 'necessária'. "O necessário não se dirige contra cada poder de origem, mas sim sempre contra a própria origem"[4]. A origem pode ser considerada pri-

[4] IDEM, *Hölderlins Hymnen "Germanien" und "Der Rhein"*, Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1980, 244.

meira, porque ela inaugura e conserva um acontecimento. Pode-se dizer que esse seria um dos motivos pelos quais a linguagem é originária. É porque a linguagem se correlaciona com a origem, que ela exige o necessário e se coloca neste lugar, como contraposição para a origem de toda origem. No necessário, encontra-se o limite, o afastar de novas produções e a exigência de tomadas de decisões. Por isto, a linguagem, a partir de seus diversos modos, pode ser vista como "necessária" pois, nela está todo limite. Porém, o limite, que está na base de toda formação e manutenção da linguagem, somente se preserva e exerce a sua função limitadora porque experimenta a copertença com o sem limites.

A origem salta por cima do necessário e conserva o que sobressai como realidade, como o que permanece, na proveniência de acontecimentos. Daí, poder-se afirmar que o ponto central, no que diz respeito à linguagem originária, é a dupla contraposição em si mesma, da origem: o brotar e a movimentabilidade de sua proveniência e o necessário, como o fundamento da necessidade de sempre já ser. O que se origina desta dupla contraposição da origem é o meio de onde surge todo acontecimento e toda possibilidade de realização, é o lugar onde a origem pode ser toda e, por isto mesmo, não toda, como origem. Esse meio é o próprio mundo e suas diversas possibilidades de acontecer. A origem necessita deste meio, e por isso pode também ser considerada o próprio meio, que não se resume ao que foi lançado e abandonado como acontecido, como um começo que permanece para si sempre o mesmo, mas antes é o que está em todo começo, em cada acontecer e acontecido, é o que está em todo lugar e a todo momento. A origem é, assim, o que vem na necessidade e, dessa maneira, vem para si mesma.

A linguagem é originária, por um lado, porque é transcendente e, por outro lado, porque é necessária. Decorre daí que a origem é o princípio que faz refluir em si, continuamente, o sem fronteiras inerente ao limite, pois, mantém junto a si, permanentemente, o simples começar e o difundir permanente de toda emancipação do real e o alastrar de toda realidade. Desta forma, a linguagem enquanto origem, é responsável pela fundação do destino do homem e do mundo, através da "oposição harmônica" entre o limite e o sem limites. A linguagem originária conquista e produz a significabilidade para o real. A realidade, como destino do real, tem, na linguagem originária, sua oportunidade de ser. A linguagem tem a origem como princípio estruturador. Trata-se pois de descobrir o segredo desse princípio, que é originário, já que "os princípios de diferentes coisas são, no mesmo sentido, diferentes, mas no sentido em que alguém fala universalmente ou analogamente, eles são os mesmos para todas as coisas"[5]. É também neste sentido que a

[5] ARISTÓTELES, *Met.*, XII, 4, 1070 a 30 ss.

linguagem é originária, pois, como princípio de toda forma de linguagem, ela é o mesmo para todas as formas, mas, como princípio que singulariza cada forma de linguagem, parece ser diferente para cada uma delas.

Na linguagem originária, o princípio deve desdobrar-se em origem como clareza de situação e propriedade de lugar. Qual é a leitura que se pode fazer desta afirmação? Pode-se dizer que à linguagem pertencem a origem e a conservação da significabilidade do mundo. Mas, de certa maneira, isto já não havia sido dito? Qual é a inovação? A novidade é que, por trás desta afirmação, esconde-se a propriedade de ser do princípio. A linguagem enquanto princípio, isto é, linguagem originária, coloca o real em marcha para a direção da manifestabilidade de tudo o que se desdobra em um comportar entificante. Mas, somente pode reconhecer o que é próprio ao princípio, quem nunca abandona a origem e que não se comporta apenas como um existente, como uma pedra ou um animal. Para reconhecer o princípio inerente à origem de toda origem, para descobrir o mistério que há no princípio, é necessário o pensamento. Por isso, o homem, peremptoriamente, convive com o pensar e, deste modo, pode-se dizer é dependente dele. Assim, a linguagem originária é o princípio, como clareza de situação e propriedade de lugar do pensamento. Talvez se possa dizer que o que há de mais próprio à linguagem originária seja o pensar, isso, caso se considere que "o mais próprio é a origem e a origem é o inesgotável"[6].

O mais próprio é a origem, a linguagem é origem; sendo assim, é possível tratar a linguagem como o que há de mais próprio para o homem. O que é próprio de algo é dado pelo que é diferente desse algo, pelo outro de si mesmo. Neste sentido, o próprio da linguagem, a originariedade que a sustenta e a conserva é dada pelo diferente dela: o silêncio. Como a linguagem é o que há de mais próprio para o homem e o que há de mais próprio para a linguagem é o silêncio, pode-se dizer que a linguagem é o que é o mais familiar para o homem. É porque a linguagem é o que há de mais íntimo para o homem, que ela se torna o que é mais difícil de se conhecer e de se apropriar. A inesgotabilidade da linguagem a converte no que sempre escapa ao homem, no que lhe é mais estranho, no que continuamente escapa ao seu domínio, porque sempre o retira do que lhe é familiar. Mas, é justamente nessa propriedade da linguagem de retirar o homem do que lhe é familiar e o colocar diante do que lhe é estranho, que reside a essência da linguagem e assim do homem. "Fatalmente permanecemos estranhos a nós mesmos, não nos compreendemos, ... para nós, isto significa a lei em toda

---

[6] MARTIN HEIDEGGER, *Hölderlins Hymne "Andenken"*, Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1992, 174.

eternidade: 'cada um é em si mesmo o mais distante' — não somos nenhum conhecedor de nós mesmos"[7]. Daí, poder-se afirmar que o homem — ser de linguagem — se transforma, no decorrer de sua existência, no mais estranho de todos os seres, pois, a toda hora, depara-se com o estranho dele mesmo.

Isso ocorre, porque o homem tem a oportunidade de vivenciar o que lhe é mais familiar; ou seja, ele mesmo em sua existência. A existência humana é o lugar onde o homem pode experienciar a diferença entre o estranho e o familiar e, assim, pressentir quem ele é e quem não é e também o que o mundo é e não é. A espessura dessa experiência é a própria dinâmica da linguagem. Na verdade, quem é o homem e o que é o mundo é o que há de mais estranho e de mais familiar, pois é o mais próprio de um e de outro e, ao mesmo tempo, o outro de si e outros. Como para dizer o que seja mundo e homem, torna-se necessária a instauração da linguagem, infere-se que a linguagem é a maior e a verdadeira riqueza do homem.

Tempo originário ou memória

Cada pensamento, que participa do tempo originário e se dá na movimentabilidade deste tempo, lança o homem no fundo de sua essência. O tempo originário guarda e protege o traço fundamental do dar-se do mundo e do homem através da linguagem originária, que proporciona o descobrimento de ambos. A linguagem originária atua como o repetir incessante do tempo originário pertencente ao pensamento que recolhe e medita a essência do homem e do mundo. O tempo originário, através do passado extraordinário, faz o reconhecimento da duração do futuro no presente, e traz, para o homem, o advento de tudo que é. Pode-se, então dizer que o pensamento participa do tempo originário?

O movimento do tempo originário é o colocar-se a caminho da meditação, para que o homem possa atingir o que ele pressente em seu pensar. O tempo originário só se movimenta, só tem razão de ser, enquanto ele é o lugar em que a linguagem originária pode se fundamentar e encontrar a sua orientação. O movimento do tempo originário é responsável pelo dar e apontar da direção do caminho que o homem deve tomar em busca da realidade, sua ou do mundo. O tempo originário em sua movimentabilidade, em geral, faz com que uma coisa se

[7] FRIEDRICH NIETZSCHE, *Zur Genealogie der Moral,* München: Goldmann Verlag, 1988, 7.

torne outra, cresça ou desapareça. Nessa movimentação, está presente a linguagem originária em seu advento. O tempo originário, através de sua unidade extraordinária, possibilita à linguagem originária expressar o que as coisas são, assim como também endereçar o que elas têm como possibilidade de ser. O que, no tempo originário, vem à linguagem originária é o recolher do *sido*, o presentar do mundo e o que espera ser recolhido, o futuro: *devir* que está, constantemente, virado para o homem. Qual é o sentido do pensamento, que participa do tempo originário e pertence à linguagem originária? O que significa pensamento? No começo deste trabalho, o pensamento foi concebido como "meditar o que esqueceu".

> *O que é o esquecer? Sua essência é tão variada como a do não esquecer, isto é, do conservar. Os modos do conservar determinam-se de acordo com a variedade de essência do experienciar e em geral do pensar em algo. Na maior parte, conhecemos o "esquecer" na forma do "não mais pensar em". ... O esquecer é mais uma vez o escapar, uma perda, para outros, um repelir e afastar, uma fuga* [8].

O esquecer é a coragem para lembrar o experienciar do princípio, como o estranho de si mesmo. O esquecer é o pensar mais oculto de algo. Como pensar mais oculto, o esquecer é o fundamento da memória. O que se encontra guardado na memória, seja como esquecido, ou como recordado, está para ser lembrado, para ser pensado. Nesse sentido, poder-se-á dizer que o pensamento é memória. Por quê?

Manter na memória quer dizer conservar. A linguagem, como expressão do pensamento, conserva o dito do homem, suas crenças, valores, costumes, cultura etc. A memória, que só tem sentido através da linguagem, reúne e guarda em si o pensamento das vivências e experiências dos homens. O que está guardado na memória é tanto o que se deseja, o que se quer esquecer, ou o que se quer lembrar. O que a memória protege é o pensamento; memória é pensamento. A memória é formada por um conjunto de pensamentos, que podem ser apreendidos, ou não por ela. É a própria memória do homem que seleciona o que está para ser lembrado, ou o que deve continuar no mais recôndito lugar da memória. Mas, como é que a memória; ou seja, o pensamento, pode decidir o que carece ser lembrado e o que permanece mantido no esquecimento?

A memória humana tem este poder de decisão porque ela pertence à unidade do tempo originário, mais propriamente ao passado extraordinário. A memória traz, constantemente, junto ao homem, o pensamen-

[8] MARTIN HEIDEGGER, *Hölderlins Hymne "Der Ister"*, 164.

to do que lhe é mais próprio. Ela carrega a identidade do homem, assim como a sua diferença. É ela quem lembra ao homem, a todo instante, o que ele é; e também é ela quem deixa em aberto, para o homem, as perspectivas que ele tem em sua frente. A memória pertence ao tempo originário, porque ela não está atrelada somente ao que passou. Ela não pertence ao passado, mas sim ao *sido* e à sua abertura, à possibilidade de deixar surgir, do acontecido, o que está por vir. Por este motivo, é que o pensamento pode ser considerado memória.

O tempo originário diz respeito a tudo que está presente na memória. Donde poder-se afirmar que a memória é tempo originário. Como esse copertence à linguagem originária, então a memória é também um aspecto da linguagem originária. A memória, que se encontra na base da linguagem originária, é essencial para a conservação do pensamento, que integra e cria as expressões e manifestações da cultura humana. Através da memória, o pensamento reconhece o que é e o que tem necessidade de ser. O que a memória dá ao homem é o pensamento. "O que nos é dado no sentido de um dote, é o pensar. ... O que dá a si mesmo e sempre a pensar, é isto que dá mais a pensar. ... A memória, no sentido do pensamento humano fiel, mora no que ela guarda: o que dá mais a pensar"[9]. O que dá mais a pensar está junto da memória, guardado e protegido por ela e, por isso, é o que há de mais íntimo para ela. A memória, enquanto reúne o que há a pensar, é o lugar onde o pensamento pode desdobrar-se e inaugurar novas formas de expressão e de significabilidade.

O que dá mais a pensar é o que há de extraordinário na memória. Porque o que já se pensou apresenta-se como o que é o ordinário para a memória, o pronto, o comum, o igual. A memória é fundamento do pensamento, quando ela retém o extraordinário, pois, do contrário, ela despovoa e desertifica a riqueza que é o pensamento. O pensamento é originário, quando ele se liberta do ordinário, presente na memória e se projeta para o extraordinário, que também pertence a ela. O extraordinário diz o mesmo que o princípio, que linguagem originária. O extraordinário reúne-se, sobretudo no que é e não é, no tempo originário. O pensamento, como libertar-se para o extraordinário, já mantém uma relação de copertença com a linguagem originária, no modo do princípio. A instantaneidade do princípio é o conservar-se do pensamento na memória. O que se manifesta a partir do lembrado, no recordar, apresenta o modo como o homem se essencializa e torna-se história. A familiaridade do homem com a memória marca o homem como historial, porque o tempo originário é a medida da memória. O pensamento humano, através da memória, realiza o diálogo entre a linguagem como princípio e o tempo originário. Mas, esse diálogo é o recordar, "o

[9] IDEM, *Was heisst denken?* Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1954, 94, 97.

lembrar como começo do aprender, como caminho na apropriação do próprio"[10].

O pensar humano é cada pensamento que constitui a passagem do homem sobre a terra. O pensar, como memória, edifica a história do homem através da unidade do tempo originário. Mas, será que o pensar só acontece como memória, como recordação? Ou será que ele tem outras formas de se processar? Quais as correlações entre pensamento e linguagem? Se o pensamento copertence com a linguagem, então o que é pensar e o que é linguagem devem ser discutidos juntos, para que se esclareça como o pensamento está presente e é atuante, em todos os níveis de uso da linguagem. Com este intuito, tomar-se-á, aqui, abismo e proximidade, diferença e pertença ao próprio, o adiantar-se e o retroceder do pensamento, como a unidade das formas de linguagem inerentes aos diversos usos como uma linguagem única, isto é, como linguagem originária.

O pensamento, enquanto copertencente à linguagem originária, não diz respeito ao pensamento sobre determinado assunto, ou tema específico, mas é todo pensamento que produz significabilidades. "O uso da força e vigor na linguagem, na compreensão, na formação e edificação cria também (o que sempre significa: pro-duz) a instauração vigorosa que se abre caminhos no ente circunstante"[11]. O produzir do pensamento é o outro da linguagem, que permite a ela ser linguagem. Todo pensamento é essencialmente produção. O pensar é produzir, é criar, é tornar-se outro, através da criação — o deixar ser mais íntimo de algo. O produzir não diz respeito à criação como poder, mas sim ao efetivar da compreensão, enquanto pensamento que funda o próprio. "A criação não é um dado mas um ato"[12]. O produzir, como criação, é o manifestar-se de um pensamento em outro, o qual se separa do pensamento anterior, mas que ainda se encontra subjacente ao outro. Manifestar significa existir, a partir da auto-realização de si mesmo. Ou seja, manifestar é o produzir-se do princípio como princípio, como criar, enquanto ação do deixar tornar o que tem de ser, como o alcançar de sua identidade, da unidade espontânea e criativa que busca o outro de si, que cresce no seu interior. O produzir, visto dessa maneira, parece mais um retorno a si, do que um sair de si e alcançar o diferente de si, o estranho. Essa semelhança do produzir com o retorno é que marca o produzir como conquista do próprio, como sair-se de si, como criar.

---

[10] IDEM, *Hölderlins Hymne "Andenken"*, 169.

[11] IDEM, *Introdução à metafísica,* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969, 179.

[12] F. W. SCHELLING, *A essência da liberdade humana — investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana e das questões conexas.* Petrópolis: Vozes, 1991, 70.

Pensamento e linguagem: princípio e fim do criar

Produzir é deixar ser, é transformar , o que significa passar do que não se é ainda, para o que se é. Transformar é a passagem do que é fundamento para o que é existência. A transformação, enquanto tal, é o pensamento como princípio, como fundamento essencial de algo, que se instaura como criação, como existência e determinação deste pensamento, que se comporta como algo corporificado, instituído. Quando o pensamento se institui e delimita formas distintas de linguagem, ele está a serviço do princípio como fundamento da linguagem originária, que, de um modo ou de outro, concede existência à significabilidade do mundo. O pensamento, como existência, como instituição de algo, deixa o princípio ser princípio. Esse movimento do pensamento diz produzir, criar. O movimento do produzir do pensamento tem a característica da simultaneidade, isso, caso se tome a simultaneidade como inerente ao tempo originário, onde o *sido* e o *devir* se unem entre si e, concomitantemente, com o *sendo*. Somente assim, o pensamento é produzir. Neste movimento do pensar, tudo é um transformar. Como é possível o pensar, como produzir?

O pensar é produzir porque ele é um transformar, sem começo e sem fim, porque ele não tem como existir fora da linguagem, como princípio e fora do tempo originário. "O processo de criação se constitui como uma transmutação ou aclaramento do princípio originariamente obscuro em luz ... o princípio obscuro é aquele que se aclara, tornando-se luz"[13]. O transformar, como criar, significa a concentração da possibilidade de manifestação de tudo o que é e que, portanto, pode ser. O transformar, neste sentido, é a simultaneidade do mesmo no diferente, é a interpretação do devir, como fundamento do ser originário de algo. O pensamento, como produzir, apresenta a transparência do ser mundo e do ser homem. Porém, para que esta transparência possa ocorrer, é preciso que o pensamento busque a essência originária de mundo e homem, o que é possível apenas se o pensamento freqüentar o fundamento do que se coloca como existência.

O produzir é liberar as coisas em si mesmas. "O elo dos princípios não é um elo necessário mas livre. Ele se encontra no ponto de decisão: tudo o que escolhe torna-se um ato seu"[14]. Produzir é sair de si, para ser mais propriamente si mesmo. As coisas são livres, mas o evidenciar da essência de seu ser depende do pensamento e da linguagem. Ser liberado pelo produzir significa estar no pensamento, na linguagem, como

[13] Cf. *Ibidem,* 43.
[14] Cf. *Ibidem,* 52.

um transformar. A transformação pode ser vista como a essência de tudo o que é. Perguntar sobre o transformar significa perguntar pelo princípio, que, mesmo enquanto está objetivado, continua sendo sempre princípio. O princípio é princípio, quando sai de seu transformar para o produzir e nesse produzir se torna o que ele é e, assim, volta renovado, como força e princípio. O produzir, como princípio, transforma-se na singularização do pensamento, como fundamento da existência. O que significa isso?

Significa que o pensamento, que pertence à linguagem originária, é o fundamento do pensar, como expressão das diversas formas existentes de linguagem. O fundamento é a condição de existência e de atualização para o produzir de significações. Mas, para que o fundamento seja a base de sedimentação da existência de algo, ele já deve conter em si a existência. O fundamento da existência é o que ela não é, enquanto está sendo o próprio, o que passa a existir como manifestação de sua essência. Ao mesmo tempo que a existência torna-se existência e deixa de ser fundamento, esse já deve estar no interior da existência, para que ela seja o que é. O fundamento é o princípio que sustenta os modos de produção da existência, como realidade. Neste sentido, a existência é o sair-se de si, para conquistar e efetivar o que lhe pertence, o que lhe é próprio e necessário para ser. O fundamento é, portanto, algo diferente da existência mas não fora dela, porque, mesmo quando ela se concretiza, isto é, sai de si e se efetiva, o fundamento continua atuando em seu ser. Fundamento e existência, enquanto instâncias distintas, pertencem uma à outra, pois a existência é a realização do fundamento e esse é a possibilidade de efetivação da existência. Fundamento é tudo aquilo que permite que a existência saia de si e se manifeste. "A existência enquanto sair-se de si é tudo o que se estabelece sobre seu fundamento e o consolida, expressamente, como seu fundamento"[15]. O fundamento é a essência da existência. A existência é a automanifestação do fundamento, diante de seu movimento de criação. Isto leva à afirmativa de que a existência só pode ser a partir do fundamento. Mas, desde que o fundamento se torna existência, aparece entre eles uma distância abissal, visto que cada um é, em essência, diferente um do outro. O efetivar da existência provoca a sua separação do fundamento. Entretanto, esta distância é, paralelamente, uma proximidade pois, a existência não pode ser reconhecida enquanto tal, sem a presença de seu fundamento e este só se faz conhecer através da existência. Este movimento de distância e proximidade é a unidade da existência em seu fundamento, e é essencial para a estruturação do mundo e o efetivar da realidade. Pode-se dizer que a essência do fundamento é o próprio sair-se de si da existência; e que a proliferação da existência se promove

[15] MARTIN HEIDEGGER, *Schelling: vom Wesen der menschlichen Freiheit (1809)*, Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1988, 198.

pelo desdobrar do fundamento. Será que esta noção de copertença entre fundamento e existência explica a relação entre pensamento e linguagem?

Pensamento e linguagem

A copertença entre fundamento e existência responde à questão da unidade entre pensamento e linguagem, se esta for tomada como fundamento e existência do pensamento, e este como existência inerente ao fundamento, que é a linguagem. O pensamento, como existência, já preexiste na linguagem e por isso pode efetivar-se e fundar vários modos de linguagem. É dessa maneira que a linguagem torna-se existência. A linguagem é fundamento para o pensamento, porque ela é o princípio de onde brotam os pensamentos. Mas, de certa forma, o pensamento também pode ser considerado fundamento da linguagem. Isto pode acontecer, quando o pensamento for criação, porque o pensamento, como criar, é a base de sustentação para o efetivar da produção do conhecimento, do saber e da arte. O pensamento ainda pode ser considerado fundamento, porque ele é a condição de possibilidade do agir humano, da sua história e da edificação da significabilidade do mundo. O pensamento, como produção, é a unidade do movimento de distância e proximidade, imanente ao fundamento e existência; ou seja, entre linguagem e pensamento. "A criação abriga uma suprema harmonia e nada é separado ou sucessivo como costumamos representar"[16]. Donde pode-se dizer que pensamento e linguagem, enquanto instâncias criativas, estão em harmonia e, portanto, não podem ser vistos em separado um do outro, ou como momentos sucessivos ou preexistentes. Nessa concepção, pensamento e linguagem apresentam o mesmo movimento que se processa entre a existência e fundamento. Pensamento e linguagem se copertencem, assim como se entrelaçam o fundamento e a existência. Como acontece a unidade da distância e proximidade pertencente ao pensamento e à linguagem como produzir? O que se estabelece a partir desta produção harmônica?

Pensar, dizer e produzir são três momentos distintos e idênticos que pertencem à constituição do homem. O dizer tem o privilégio de expressar o pensar, como produção da linguagem. Ora, o que se estabelece a partir da produção que o pensamento efetiva como linguagem é, de certa maneira, um modo de ser do homem, um tempo em que ele dá prosseguimento à sua história. A unidade da proximidade e distância entre o pensar e a linguagem, como forma de produção, acontece como

[16] F. W. SCHELLING, *A essência da liberdade humana*, 62.

o que se cala no produzir. Como o pensar e o dizer são um dos momentos que participam do produzir da linguagem, pode-se dizer que a unidade do pensar e da linguagem, assim como, do dizer e da linguagem se processa a partir do não-pensado do pensamento e do não-dito do dizer. Tal unidade é, de fato, o produzir em si mesmo, que não é outra coisa senão o impensado e o não-dito. Se o não-pensado e o não-dito são a unidade essencial de todo produzir, então eles são, na verdade, o fundamento da linguagem originária. Por quê?

Produzir, pensar e dizer perseveram na linguagem como copertença, onde reina a intimidade de ser do homem. A disposição fundamental da linguagem é o que impera na origem como o que sempre vem, porque sempre se oculta. É por esse motivo que a linguagem é sempre originária, fonte de produção, seja do saber, ou das artes. A linguagem é o fundamento de tudo o que é. Qual é a disposição fundamental que prevalece na linguagem originária? É uma relação extraordinária que se insere no ser homem e ser mundo e que marca ambos, como destino do criar que produz significabilidades. Esse produzir é a proveniência que crava o modo de ser homem e ser mundo e, por isso, permanece como o que há de mais pensativo na linguagem. E o que é mais pensativo na linguagem é, justamente, o não-pensado, o que ainda está para ser pensado e ser dito. Esta é a dinâmica da linguagem. Nela, o pensamento pode apresentar, tanto a proveniência do porvir, quanto a recordação do meditar que se recolhe na linguagem. A dinâmica da linguagem, experienciada pelo pensamento, exige e requer uma concentração extrapolante do impensado, do indizível e do indeterminado presente na linguagem. Neste sentido, pode-se afirmar que a linguagem e o pensamento acontecem dentro de seus próprios limites: o não-dito e o não-pensado. A linguagem, enquanto proveniência do não-dito e não-pensado, é o modo de apropriação da linguagem originária.

A relação da linguagem originária com o homem determina-se a partir do modo como ele é apropriado por ela. Todo pensar é linguagem; toda linguagem é pensamento. "Ambos copertencem no dito, que já aceitou em si o não-dito"[17]. É porque o dito já aceitou em si o não-dito que a relação entre linguagem e pensamento se detém na vizinhança da copertença do dito com o não-dito e com o impensado. Dessa forma, é o próprio dizer que propicia a relação entre pensamento e linguagem. É no dizer da linguagem que aparece a apropriação do real feita pelo não-dito e pelo impensado e, é aí também onde a realidade, e com ela o não-dito e o impensado, tornam-se presentes. O produzir, operado pelo não-dito e pelo impensado, presente no dito e no pensado, pode ser correlacionado com a linguagem originária, fonte de toda criação humana. Nesse sentido, o pensamento, que abriga tanto o não-dito

[17] MARTIN HEIDEGGER, Das Wesen der Sprache, in *Unterwegs zur Sprache*, 267.

quanto o impensado, pode ser considerado como originário; isto é, o que engendra toda concretização da realidade. Como se dá a relação entre o não-dito e o impensado, fundamento da linguagem originária, com o dizer?

> *O pensamento pensa quando ele corresponde ao que dá mais a pensar. O que dá mais a pensar mostra-se, em nosso tempo, em não pensarmos ainda. ...O "ainda não" indica que já estamos na direção do pensamento, não como uma prática assumida, mas sim como já estando a caminho do pensamento* [18].

O ainda não-pensado, fundamento do pensamento, pode ser visto como sendo o grito que sacode os momentos criativos do homem. A dificuldade que se estabelece aí é a seguinte: como o pensamento pode reter, de modo conveniente, esses lampejos de criação, ou seja, como o pensamento pode cuidar da chegada do diferente, sem o deixar cair no vazio, na indiferença imposta pelo já existente? A resposta pode ser encontrada e salvaguardada no cuidado que o pensamento mantém com o ainda não pensado, que concentra toda força de efetivação do pensar e da linguagem. É nesta efetivação que se encontra o dizer. A relação do impensado e do não-dito com o dizer está centrada no que não se pode dizer, definir ou determinar, mas antes pode-se apenas pressentir. O pensamento supera a si mesmo, quando ele retorna ao próprio impensado que o habita, quando ele se orienta para o sentido do que é originário: o que está para ser pensado. Parece haver aqui uma contradição, pois o pensamento, para efetivar-se, tem que abandonar o não-pensado e, por outro lado, o impensado só pode ser ele mesmo, se estiver presente no pensamento. Isso é realmente uma contradição? Não. Esta é a própria dinâmica do pensamento; é o movimento responsável pela inesgotabilidade da linguagem originária e da conservação do pensar, como criar.

A relação entre o impensado e o não-dito com o dizer ocorre pela proximidade e distância inerente ao produzir do pensar e da linguagem. "Pois, o pensamento pensa apenas quando ele se une a isto que fala *para* uma coisa"[19], ao que comporta uma expressão de alguma coisa para alguém. Dessa maneira, o pensamento só é mesmo pensamento quando, de um certo modo, ele é o próprio dito. A proximidade e a distância inerentes ao produzir está presente no dito, como impensado e no pensamento, como não-dito. Em cada um dos dois termos, proximidade e distância, já se encontra a relação do pensamento e da linguagem com o produzir. Para que se falasse de acordo com o produzir não deveria haver, nem os termos da relação, nem a relação mesma, mas somente o caminho da linguagem e do pensamento. Isto que é dito

---

[18] IDEM, *Was heisst denken?* 10, 12.
[19] Cf. *Ibidem,* 49.

e isto que está por vir é o que se pensa. O homem participa da relação existente entre o pensamento e a linguagem, porque é ele quem realiza o que é o pensamento e o que se chama linguagem. O que incita o homem a pensar é a linguagem, é o dizer e, juntamente com ele, o não-dito e o impensado. A linguagem, através de seu dito e não-dito, coloca o homem na direção do pensar. Ser capaz de pensar é ser dotado de linguagem, visto que o pensamento é um dizer sobre isto que, de um modo ou de outro, está aí, seja como dito ou não-dito. O que faz a articulação do pensar e do dizer é a memória, que protege o *não-sido* do *sido* e recorda o não-acontecido do acontecido como acontecimento. É a memória que permite ao pensamento ser linguagem, ser presente, estar próximo, como ação e omissão; isto é, ser caminho para que uma coisa possa tornar o que ela é e como é. Mas, a articuladora do pensar e do dizer não caracteriza ainda o traço fundamental da relação entre pensamento e linguagem com o produzir. Qual é o traço fundamental que responde por esta relação?

O que caracteriza esta relação é o próprio produzir, como traço fundamental que participa de todo pensamento, assim como de toda forma de linguagem. O produzir é a presença que visita o princípio que marca, tanto o pensamento, quanto a linguagem. O pensar é linguagem, não apenas num modo determinado do produzir, mas sim no modo originário do produzir, isto é, do criar, que precede toda forma de linguagem e de pensamento. Todo produzir, no sentido mais estreito e mais amplo do criar, é, em seu fundamento, um pensar. A essência produtora do pensamento conserva em seu fundamento a linguagem enquanto originária. O produzir, como criar, conserva e reúne toda presença e ausência do pensamento no seio da linguagem. O produzir se diz a partir da linguagem e o pensar é o produzir, como linguagem. Portanto, a relação entre o produzir, o pensar e a linguagem ocorre da seguinte maneira: o produzir é o elemento articulador que intercede junto à linguagem e ao pensamento e assim conserva um e outro em sua essência. A linguagem antecede e precede todo produzir e pensar. Já o pensamento é a presença e a ausência do dizer, enquanto expressão da linguagem.

O produzir não é nenhum espelho, mas o despertar e o esforço da essência mais própria do pensamento. "A falta de acesso para a passagem que se dá do dormir para o despertar, ou da vida para a morte significa, no fim, a experiência de enigma do pensar que, repentinamente, desperta e então novamente afunda no escuro"[20]. Quem está na base

[20] HANS-GEORG GADAMER, Vom Anfang bei Heraklit, in INGEBORG SCHÜSSLER, WOLFGANG JANKE (orgs.) *Sein und Geschichtlichkeit — Karl-Heinz Volkmann-Schluck zum 60. Geburtstag*, Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1974, 14.

do enigma do pensamento é a linguagem originária. Ela se mostra como a falta de acesso para a passagem de um estado para outro; ou seja, do pensar para o dizer e do dito para o impensado e vice-versa. Este acesso, do qual não se consegue explicar e segundo o qual ninguém consegue falar, é a linguagem originária, em sua essência. Deve-se, então, reconhecer a diferença entre a linguagem originária e as diversas formas de linguagens, para perceber a distinção entre linguagem e pensamento, na sua relação com o produzir. A linguagem está onde é produzida. O produzir é o sedimento da experiência-expressão, é um mostrar e um indicar, um tornar manifesto do homem e do mundo. O produzir é o fundamento que mantém e conserva a fundação, linguagem originária. O produzir suporta em si a linguagem originária: fundação do homem e do mundo.

O dizer do produzir é edificante. Ele edifica o lugar do homem no âmago da linguagem originária, lugar este em que o homem não está, mas onde o dizer do produzir o forçará a freqüentar. Se o homem, enfim, compreender que ele é chamado pelo dizer do produzir, ele tem condições de experimentar a proximidade com o fundamento, que traz à tona a sua pertença à linguagem originária. O pensar, na sua correlação com o produzir, é um projeto criativo, porque cria, previamente e antes de tudo, a possibilidade para o homem experienciar a si e ao mundo e, dessa forma, permite ao homem fundar-se.

> *Fundar e fundação, aqui, é um que em si é duplo: fundar significa o que não é, para projetar-se pela primeira vez. ... Fundação diz ainda: depositar e salvar o pré-proferido, o fundamentado como a lembrança que permanece na essência aberta do ser, lembrança esta que um povo deve sempre pensar de novo* [21].

O pensar, como projeto criativo, funda o que ainda não é e conserva o que já é, na lembrança do que não é. Por isso, o pensar é produzir que, como projeto, fundamenta o homem e o mundo. O pensar, como projeto criativo, funda a história do homem sobre a terra; ou seja, através do projeto criativo do pensamento, o homem pode ser reconhecido como pertencendo a um povo, a uma época. O abrigo único que o pensar, como projeto criativo, precisa para ser sempre novo é a simplicidade, que não se perde na multiplicidade sempre presente e incisiva do real. O pensar, como fundação, diz a tarefa única da linguagem originária. Por que o pensar, como projeto criativo, é linguagem originária? Porque o pensar, como fundação, é origem; por isso e apenas por isso, ele pode fundar o homem e o mundo; aí, originariamente, abre-se o caminho e o limite da história do homem. Cada pensar rompe e realiza o novo e o inicial, para fundar a permanência e duração da história.

---

[21] MARTIN HEIDEGGER, *Hölderlins Hymnen "Germanien" und "Der Rhein"*, 214.

O pensar, como produzir, "pode ser compreendido como a expressão do próprio, quando o próprio já foi decidido"[22]. O produzir das atividades científicas é distinto das atividades artísticas. O pensar, como produzir do primeiro tipo de uso da linguagem, é um pensamento produzido e voltado para a explicação dos fatos e da natureza. Já o produzir do segundo tipo de uso, é um pensamento produzido pela liberdade de expressão; isto é, sem a preocupação com a explicação e o planejamento dos fatos e da natureza. Esse modo de produzir é onde costuma surgir o próprio do homem e do mundo, é o lugar onde o próprio já foi decidido e, por isso mesmo, onde o próprio pode ser. "Onde há teologia, os deuses já fugiram. ... Nem os teólogos dos cristãos alemães, nem estes do frontispício da confissão, nem os católicos podem encontrar o sagrado"[23]. O pensar, como produzir do primeiro uso, atua como a contra-essência do pensar, como produzir do segundo tipo de uso. Isso porque o produzir desse uso pensa a multiplicidade e a variedade que participam da simplicidade e da essência do pensar das atividades criativas. O uso da linguagem científica e artística são a contra-essência e a essência do pensar, como produzir. Pode-se dizer, metaforicamente, que os deuses habitam no pensar das atividades artísticas e que o pensar das atividades científicas se ocupa com as teologias.

O pensamento das atividades científicas e artísticas, longe de abdicarem do que faz o seu vigor, só podem reencontrar-se na proximidade do produzir. Eles apenas poderão se reencontrar no produzir, se eles permanecerem na diferença de seu ser, na diferença de seu pensar. O produzir dos diferentes modos de pensamento se dá através da linguagem, como modo e meio de expressão. A linguagem é a medida para o produzir. É daí que o homem recebe seu ser. O homem é verdadeiramente homem, quando a linguagem apropria e desdobra seu ser, como medida de todo produzir. Assim, a linguagem é tanto a medida que arruma, ordena e dá o lugar para cada coisa, assim como também é a medida que proporciona ao homem e ao mundo o que é próprio de cada um. Desta maneira, a linguagem funda o que é permanente e o que deve ser criado livremente; ela é o fundamento que sustenta o ser homem e ser mundo. "O fundamento do *Dasein* do homem é o diálogo como acontecer próprio da linguagem"[24], diálogo esse que não tem nenhum começo, que é, em sua essência, princípio. Por essa razão, o acontecer próprio da linguagem é o acontecer da linguagem originária, é o acontecer como silêncio. Nele aparece "o profundo do pensar, o simples do dizer sobre o modo do indizível"[25]. O silêncio é o lugar da linguagem

---

[22] IDEM, *Hölderlins Hymne "Andenken"*, 132.
[23] Cf. *Ibidem,* 133.
[24] IDEM, Hölderlin und das Wesen der Dichtung, in *Erläuterungen zu Hölderlins Dichtung*, Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1971, 43.
[25] IDEM, Die Sprache im Gedicht, in *Unterwegs zur Sprache*, 65.

originária, porque ela esconde o silêncio, como dito essencial. O dizer que chama no silêncio ouve mais cuidadosamente o próprio do mundo e do homem. A linguagem fala pelo caminhar que ultrapassa o silêncio. "A estrutura do falar humano pode apenas ser no modo (o *Melos*), no qual o falar da linguagem, a voz do silêncio da diferença, apropria os mortais através do chamado da diferença"[26]. No dito do silêncio está o princípio, está a linguagem originária.

Conclusão

O pensamento e a linguagem se copertencem no princípio como produzir de realidades. Neste sentido, o pensamento pode ser considerado como linguagem originária, como fonte inesgotável de significabilidades. Daí, poder-se afirmar que o pensamento é memória, é o lugar onde as coisas são e onde podem também não ser. Dizer que o pensamento é memória significa corroborar que ele é recordação: onde abre-se o caminho para a verdadeira resposta às questões pertinentes à inquietude de saber de um povo. É pela rememoração de seus problemas fundamentais que um povo pode vislumbrar o esclarecimento de suas possibilidades originais latentes e ter revelado o seu ser mais próprio. A memória de um povo mantém livre e conserva as forças mais íntimas de significabilidade de uma cultura. A memória é o modo fundamental do pensamento e, reciprocamente, da linguagem; por isto pode ser considerada como ponto de partida e princípio, como fundamento e fim, como resultado e proveniência de toda linguagem. Princípio é o fim, incorporando sua significação; fim é o princípio que possibilitou a realização da linguagem.

A linguagem e o pensamento apresentam-se, ainda, como princípio produtor do ser homem e do ser mundo porque mostram o dizer originário, que carrega em si o não-dito e o não-pensado, a possibilidade de retorno ao próprio da linguagem. Tanto o não-dito quanto o não-pensado são a ressonância da linguagem, que revela mundo e homem. São eles que expressam o que a linguagem diz do homem e do mundo para o homem. A partir desta afirmação pode-se concluir que o não-dito e o não-pensado referem-se ao silêncio, essência da linguagem originária, pois aí é que se dá a significabilidade fundadora de homem e de mundo.

[26] *Ibidem,* 31.

Bibliografia

ARISTÓTELES. *The Complete Works of Aristotle*. The revised Oxford translation. Edited by Jonathan Barnes. Princeton: Princeton University Press, 1991.

HEIDEGGER, Martin. *Die Metaphysik des deutschen Idealismus — zur erneuten Auslegung von Schelling: philosophische Untersuchungen* über *das Wesen der menschlichen Freiheit und die damit zusammenhängenden Gegenstände (1809).* Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1991.

_____. *Hölderlin Hymnen "Germanien" und "Der Rhein".* Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1980.

_____. *Hölderlin Hymne "Andenken".* Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1992.

_____. *Hölderlin Hymne "Der Ister".* Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1993.

_____. *Introdução à Metafísica.* Trad. bras. de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

_____. *Unterwegs zur Sprache.* Pfullingen: Günther Neske, 1965.

_____. *Was heisst denken?* Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1954.

_____. *Erläuterungen zu Hölderlins Dichtung.* Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1971.

_____. *Schelling: vom Wesen der menschlichen Freiheit (1809).* Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1988.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Zur Genealogie der Moral.* München: Goldmann Verlag, 1988.

SCHELLING, F. W. *A essência da liberdade humana — investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana e das questões conexas.* Petrópolis: Vozes, 1991.

SCHÜSSLER, Ingeborg e JANKE, Wolfgang (orgs.). *Sein und Geschichtlichkeit — Karl-Heinz Volkmann-Schluck zum 60. Geburtstag.* Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1974.

Endereço da Autora:
Rua Álvaro Ramos, 45 / 403
Botafogo
22280-110 Rio de Janeiro — RJ